

**A COMPANHIA DE JESUS EM PORTUGAL. IDENTIDADE E
HISTORIOGRAFIA**

THE SOCIETY OF JESUS IN PORTUGAL. IDENTITY AND HISTORIOGRAPHY

Maria de Deus Beites Manso
*CICP. Universidade de Évora*¹
Orcid: 0000-0002-6851-6519

Resumo: A ação da Companhia de Jesus constitui um dos temas mais analisados, e um dos mais controversos, da história da Igreja. Pela complexidade que os vários estudos levantam, e para se apreender a história, a dinâmica, e a identidade, a historiografia tem de ser contextualizada em etapas. Neste estudo, partimos da historiografia produzida ainda no decurso da fundação da Companhia e indo até à sua supressão, detendo-nos ainda particularmente no modo como a contemporaneidade (do século XIX ao século XXI) observou a primeira época (1540-1773), quer no âmbito de uma história acrítica quer ideológica, narrada dentro e fora da Ordem. No que diz respeito a Portugal continental, procura-se especialmente registar e problematizar diversas conceções historiográficas que sobre a Companhia de Jesus se foram erigindo.

Palavras-chave: Companhia de Jesus - Portugal - historiografia.

Abstract: The topic of the Society of Jesus and its role in society has been among the most studied as well as one of the most controversial in Church history. Due to the complex nature of this research and the ensuing controversies attached to it, I believe that in order to fully understand the history, the dynamics, and the identities associated with this topic, scholars should approach Jesuit historiography in stages.–Hence, in this study I analyze Jesuit historiography from the very founding of this religious order down to its suppression. Additionally, I pay particular attention to how Modern times (19th and 20th centuries) viewed the first two hundred years of Jesuit presence in the world (1540-1773), where the emphasis was on its historical and ideological impact on society, within as well as outside the Society of Jesus. As for Continental Portugal, I will analyze and discuss different historiographical approaches to the role that the Society of Jesus played in this area and the reactions to its presence.

Keywords: Historiography - Jesuits – Portugal

Fecha de Recepción: 14/1/2020

Fecha de Aceptación: 17/3/2020

¹ This study was conducted at the Research Center in Political Science (UIDB/CPO/0758/2020), University of Minho/University of Évora, and was supported by the Portuguese Foundation for Science and Technology (FCT) and the Portuguese Ministry of Education and Science through national funds. Artigo também produzido no âmbito do Projeto Temático Pensando Goa (proc. 2014/15657-8)

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

Preâmbulo

D. João III (1521-57) foi o primeiro monarca europeu a apadrinhar e a acolher formalmente o projeto jesuíta.² O soberano tinha conhecimento, por carta de Diogo de Gouveia, o Velho (c. 1471-1557), doutor em teologia pela Universidade de Paris, anti-erasmista e reitor do Colégio de Santa Bárbara, em Paris, onde se haviam formado os primeiros jesuítas, de que um dos desígnios da recém-criada ordem religiosa era o da conversão dos infiéis. Depressa tratou o monarca de enviar uma embaixada a Roma com o objetivo de os fazer chegar ao Reino. No seguimento do pedido, foram destacados os padres Simão Rodrigues de Azevedo (1510-79) e Nicolau Bobadilha (1511-90). Porém, o falecimento deste último determinou que, em seu lugar, fosse colocado Francisco Xavier (1506-52), o qual em 1541 segue para o Oriente e cujo nome marcará as missões orientais e fará emergir um novo paradigma catequético ao abrir um ciclo evangelizante.³

A prosperidade da Companhia de Jesus em Portugal foi rápida e fixou-se fundamentalmente em zonas urbanas. Ao longo de 215 anos, construíram-se 30 colégios (no Continente, edificaram-se 26 colégios, seminários e a Universidade de Évora).⁴ No primeiro momento imediato à sua chegada, importava à Coroa portuguesa renovar e aumentar o número de cristãos no Oriente, onde se centravam os interesses comerciais. No entanto, a preocupação com o avanço do Protestantismo e a existência de cristãos-novos na sociedade portuguesa inquietava similarmente as autoridades régias. Desta forma, havia necessidade de travar o Protestantismo e desobrigar o rito romano de tradições judaicas e crenças antigas enraizadas na sociedade. Os Jesuítas mostravam ser a única Ordem capaz de fazer frente ao avanço do Protestantismo e colocar em prática o projeto imperial de D. João III. A Ordem tornou-se num pilar fundamental da estrutura sociocultural que caracterizou Portugal Moderno que só viria a ser posta abertamente em causa no reinado de D. José I (1714-1777), determinando a sua expulsão do território continental e dos domínios ultramarinos em 1759, e a total supressão em 1773, pelo breve pontifício *Dominus ac Redemptor*, de Clemente XIV.

² Sobre D. João III, cf. Ana Isabel Buesco, *D. João III*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

³ Francisco Xavier inaugurou as missões na Ásia, chegou a Goa em 1542; outros missionários se seguiram por outras regiões da Ásia, do Brasil e de África.

⁴ António Lopes, “A Educação em Portugal de D. João III à Expulsão dos Jesuítas em 1759”, *Lusitania Sacra*, 2ª série, nº 5 (Lisboa, 1993), pp. 27-28.

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

Fruto de um projeto que se tornou global, tanto geográfico como ao nível sociocultural, a ação jesuítica registava regularmente as atividades que desenvolvia, promovendo dessa forma a escrita de uma história apologética. Independentemente da sua natureza laudativa, a documentação legada é essencial para a apreensão do passado da Ordem e da Idade Moderna portuguesa, globalmente europeia. Porém, a visão acrítica foi igualmente acompanhada por um discurso anti-jesuíta, particularmente em meados do século XVIII. Resultado das ideias liberais e posteriormente republicanas, o seu discurso, centrado no desmesurado poder e ambição vinda da herança pombalina, sobressaiu novamente no século XIX. Na primeira metade do século XX, aparecem publicações periódicas que se dedicam à expansão portuguesa, destacando a evangelização e o início da globalização moderna, como *O Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* e os *Anais do Clube Militar Naval*, revistas iniciadas no século XIX, *O Mundo Português: Revista de cultura e propaganda arte e literatura coloniais (1934-1947)*, *Revista da Escola Superior Colonial (1948-1954)*, bem como, em 1955, a revista *Estudos Ultramarinos: Revista do Instituto Superior de Estudos Ultramarinos*, da qual António da Silva Rego (1905-86), padre não jesuíta, foi um dos responsáveis. Sob o signo desta diretriz surgiu a edição de documentos ligados às missões inacianas no Padroado português. O que aqui importa salientar não é o número de publicações, mas a acessibilidade à informação documental para historiadores e investigadores, onde a Companhia surge como figura central responsável por um processo “civilizador”, a conversão do “outro”. A *Documentação para a história das missões do Padroado Português*, por exemplo, inscreve-se numa lógica de afirmação das origens e do exercício de uma instituição enquanto expressão da vocação religiosa da colonização portuguesa e é uma tentativa de contestar todos os que refutam o valor/a grandeza das missões católicas portuguesas. Estas edições constituíam uma espécie de “restauração” da Ordem, estabelecendo a ligação do tempo presente com o passado de perseguição, isto é, uma recuperação da memória do passado.⁵

⁵ António da Silva Rego publicou “Documentação para a história das missões do Padroado Português no Oriente: Índia” a partir de 1947 e António Brásio organizou a *Monumenta Missionaria Africana: África Ocidental* a partir de 1952. A estes dois investigadores juntou-se um grupo de jesuítas, como Serafim Leite, Joseph Wicki, Georg Schurhammer ou John Correia-Afonso que publicaram centenas de documentos. Da parte inaciana, salientem-se também os trabalhos de cariz mais cronológico e apologético, centrados na evangelização da ordem, como é o caso de Francisco Rodrigues, *A História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. 4 tomos, 7 vols., Porto: Apostolado da Imprensa, 1931-1950.

A partir dos finais do século XX, prosseguindo até à atualidade, poucos campos historiográficos passaram em Portugal por tantas mudanças paradigmáticas como a história da Igreja, no que se refere, em particular, à Companhia de Jesus, nomeadamente no tocante às missões internas (dentro do território continental) e ultramarinas — alguns dos temas abordados centravam-se no “âmbito moral”, como a questão da escravatura, limitada até meados do século XX ao “âmbito” do pensamento teológico e jurídico dos séculos XVI e XVII pela reconstrução dos escritos teo-jurídicos. O intercâmbio académico, a realização de atividades científicas, assim como o crescimento de cursos de mestrado e doutoramento foram, e continuam a ser, um motor para a consolidação de uma nova história da Igreja. Embora se produzissem obras de cariz acrítico, a tendência historiográfica centrava-se na compreensão dos contextos históricos em que as missões se desenvolveram, a fim de compreender as estratégias que a Ordem desenvolveu dentro e fora de Portugal.

Portanto, com o objetivo de se abarcar um olhar historiográfico sobre a Companhia de Jesus, desde o nascimento até à supressão, importa balizar o surgimento das histórias sobre a Ordem, quer assentes no discurso apologético, quer numa visão anti-jesuítica, e perceber como do século XIX ao século XXI, a Ordem tem sido estudada em relação ao que foi a sua primeira existência em Portugal (1540-1763).

O registo jesuítico: a emergência de uma historiografia missionária

A forma como a Companhia de Jesus se estruturou traduziu-se na produção copiosa de documentação. Desde os primeiros tempos que os inacianos tiveram o cuidado de registar e preservar a memória das suas ações e das suas instituições.⁶ Juan Alfonso de Polanco (1527-76) secretário de Inácio de Loyola⁷ e seu adjunto na redação das *Constituições da Companhia*, é tido por alguns estudiosos como o criador de uma escrita sobre a história da

⁶ Muitas destas fontes encontram-se distribuídas por diversos arquivos e bibliotecas em Portugal e no estrangeiro. Entre as de maior destaque refiram-se a Academia das Ciências de Lisboa (Série Azul e Série Vermelha); os Arquivos Nacionais/Torre do Tombo; a Biblioteca Nacional de Portugal/Secção de Reservados; Biblioteca da Ajuda; a Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora e o Arquivo Romano da Companhia de Jesus — A.R.S.I. — (aonde os documentos se encontram organizados segundo um critério territorial de localização de assistências, províncias e missões. Para Portugal ver *Assistentia Lusitaniae e Fondo Gesuitico*).

⁷ Joanne Alphono Polanco de, *Vita Ignatii Loiolae et rerum Societatis Jesu historia*. T. I. Matriti, nº 8, v. 1, Monumenta Historica Societatis Iesu, (Roma, 1894).

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

Companhia assente num olhar cronológico, memorialista, ligado à edificação e consolidação da virtude.⁸ Tratava-se de uma escrita inserida na longa tradição dos clássicos, de uma história *magistra*, da *ars* histórica e da erudição dos *Monumenta*. Tanto Polanco como outros biógrafos de Inácio de Loyola documentaram pormenorizadamente a vida do fundador, a criação e a expansão da Companhia, transpondo o limite do que se pode denominar por uma memória pessoal, íntima e privada, para se transformar numa memória coletiva, social e universal.⁹ No que concerne a Portugal, foi com o objetivo de preservar a memória, claramente num estilo hagiográfico, apologético, propagandístico e memorialista, que o Geral da Companhia de Jesus, em 1573, pediu ao Provincial Jorge Serrão que escrevesse a história de cada uma das casas sob sua jurisdição. Assim nasciam as *Histórias Domus*, conservadas no *Archivum Romanum Societatis Iesu*, Roma (ARSI). Em 1587, a congregação provincial, reunida em Lisboa, ordenou que um dos escritores de cada província se encarregasse da tarefa. Surgiu, nesse caso, o que podemos designar por cronistas da Companhia, visando-se construir uma memória tendente ao desenvolvimento de um elemento de identidade da Ordem quer em relação a outras ordens quer em relação aos doutrinados.¹⁰ O primeiro a assumir essa função foi Álvaro Lobom que redigiu quatro tomos manuscritos sobre os primeiros dezasseis anos da Companhia. Faleceu em 1608. Outros deram continuidade ao seu trabalho: Jerónimo Álvares, Manuel Escobar e António Leite. Baltasar Teles foi o primeiro a publicar uma obra sobre os primeiros anos da Companhia de Jesus em Portugal.¹¹ No século XVIII, com os mesmos propósitos, a Ordem publicou mais duas histórias sobre a instalação em Portugal e nos territórios do padroado português.¹²

⁸ Martín M. Morales, Pela Chinchilla (Coords.), *Del Ars Historica a la Monumenta Historica: La historia restaurada*. México: Universidad Iberoamericana, 2014, p.16.

⁹ Luiz Fernando Medeiros Rodrigues, “A Bibliothèque de la Compagnie de Jésus” de Carlos Sommervogel e a historiografia da Companhia de Jesus”, XXVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis (2015). Universidade Federal de Santa Catarina. http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434389436_ARQUIVO_LuizRodrigues_BibliothèqueCiaSJ.pdf, [Consulta 30 de dezembro 2019].

¹⁰ Michael Pollak, “Memória e identidade social”, *Estudos Históricos*, vol. 5, nº 10 (Rio de Janeiro, 1992), p. 204.

¹¹ Baltazar Teles, S. J., *Chronica da Companhia de Jesus na Província de Portugal e do que fizeram, nas conquistas d’este Reyno*. 2 vols., Lisboa: Imp. Paulo Craesbeeck, 1645-1647- António Trigueiros, Prefácio ao livro de Maria de Deus Beites Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal, 2016, p. 13.

¹² Padre António Franco, S. J., *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus do Real Collegio do Espírito Santo de Évora do Reyno de Portugal*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1714- Padre António

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

A circulação de notícias através de cartas, de instruções e de todo o tipo de apontamentos teve um papel fundamental na expansão da Ordem e na coordenação das missões espalhadas pela Europa e ultramar, prevista nas *Constituições* inicianas.¹³ As cartas, tanto as edificantes como as informativas, os sermões fúnebres, os menológicos, as crónicas, entre outros registos, tornaram-se uma forma de anotação das atividades desenvolvidas e foram igualmente fundamentais na construção da memória da atuação dos jesuítas.¹⁴ Tratava-se de uma rede de comunicação, uma obrigação prescrita pelas *Constituições*, salientando-se pela sua quantidade, ritmo regular e observância das missões.¹⁵ A veiculação de cartas, completas ou apenas de excertos, escritas a título individual ou coletivamente, formou um meio de intercâmbio de notícias manuscritas comum entre os membros da Ordem. Para que a circulação fosse regular, criaram-se regras, controladas a partir de Roma, para o envio de notícias, podendo ser semanais, mensais ou anuais, dependendo da região onde os jesuítas se encontrassem. De uma inicial obrigação quadrimestral, *letra de cuatro meses, letra cuatromestre* — exceto para os missionários que se encontravam nas Índias passou a ser, a partir de 1568, anual. Esta correspondência, é uma narrativa edificante, usada como exemplo, funcionou como uma extensão da missão evangélica dos Jesuítas, que depois de lida e comentada era incorporada nas funções pastorais.¹⁶ As missivas, para além de manterem o

Franco S. J., *Synopsis Annalium Societatis Jesu in Lusitânia, ab anno 1540 usque ad annum 1725*, S. L. Veith Joanne Herdeiros, 1726.

¹³ M. Friedrich, “Government and Information-Management in Early Modern Europe. The Case of the Society of Jesus (1540-1773)”, *Journal of Early Modern History*, nº 12 (Bonton; Frankfurt, 2008), pp. 539-563.- Fernando Bouza, *Corre manuscrito: una historia cultural del Siglo de Oro*. Madrid: Marcial Pon, 2001, p. 18. Neste trabalho, Bouza escreve sobre a importância do manuscrito na Idade Moderna, como meio de divulgação de informação. Para mais informação sobre “Los secretários, modelos y practicas epistolares” cf. Roger Chartier, *Libros lecturas y lectores en la Edad Moderna*. Madrid: Aliança Editorial, 1993, p. 286.

¹⁴ Inácio de Loyola entre os anos de 1524 e 1556 teria escrito seis mil e oitocentas e quinze cartas. Era uma forma de propagar o Evangelho, construir uma imagem da Companhia e instruir tanto os missionários como outros leitores - San Inácio de Loyola, *Obras Completas*. Transcripción, introducciones y notas Ignacio Iparraguirre, BAC. Madrid: La Editorial Católica, 1963, p. 649. Sobre as diferentes formas de registo consultar Perla Chichilla Pawling, Pierre Antoine Fabre, Norma Durán Rodríguez Arana, Genevieve Galán Tamés, at.al., *Lexicón de formas discursivas cultivadas por la Compañía de Jesús*. Universidad Iberoamericana, 2018.

¹⁵ Paul Nelles, “Chancillería en colegio: la producción y circulación de papeles jesuitas en el siglo XVI”, *Cuadernos de Historia Moderna*, 2014, Anejo XIII, p. 52. https://www.researchgate.net/publication/286172505_Chancilleria_en_colegio_la_produccion_y_circulacion_de_papeles_jesuitas_en_el_siglo_XVI, [Consulta: 20 dezembro 2019] ISSN: 978-84-669-3493-0

¹⁶ Cf. *Cuadernos de Historia Moderna*, 2014, Anejo XIII, p. 52. https://www.researchgate.net/publication/286172505_Chancilleria_en_colegio_la_produccion_y_circulacion_de_papeles_jesuitas_en_el_siglo_XVI, [Consulta: 20 dezembro 2019] ISSN: 978-84-669-3493-0; I. - Cf. Inês Županov, *Disputed Mission: Jesuit Experiments and Brahmanical Knowledge in Seventeenth Century India*. New Delhi: Oxford University Press, 1999, p.103.- F. Palomo, “Corregir letras para unir espíritus. Los jesuítas

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

corpo da Companhia interligado e informado, tinham também um carácter propagandístico destinado à divulgação de notícias e ao enaltecimento da obra missionária, relatando com certo dramatismo as dificuldades e o martírio a que alguns dos missionários haviam sido sujeitos (por exemplo, as grande caminhadas que se faziam nas missões ou a distância de uma determinada missão a outra).¹⁷ Lembre-se a morte de Gonçalo Silveira, em 1562, perpetrada por muçulmanos na costa oriental africana, onde a missão ganhou particular confronto com o Islão, quer por razões mercantis, quer de fé.¹⁸ Eventuais notícias menos “edificantes” como os negócios, as doenças ou a avaliação das aptidões e das motivações dos religiosos, deveriam ser referidas nas *hijuelas* — cartas de governo interno — ou cartas anexas às principais, ficando a sua leitura restringida aos responsáveis da Ordem.¹⁹

Nos séculos XVI e XVII um elevado conjunto de cartas ânuas foi publicado.²⁰ Relatavam conteúdos seleccionados, na sua maioria vincadamente apologéticos e foram traduzidas e editadas em diversas cidades europeias.²¹ Tratava-se de uma cultura destinada a

y las cartas edificantes en el Portugal del siglo XVI”, Cuadernos de Historia Moderna. Anejos, nº IV (Lisboa, 2005), pp. 57-81.

¹⁷ Fernando Torres Londoño, “Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI”, Revista Brasileira de História, nº 22.43 (S. Paulo, 2002), pp. 11-32.

¹⁸ Joseph Wicki (ed.), Documenta Indica, 5, nº 79, Roma: Monumenta Historica Societatis Iesu, 1968, pp. 547-548. Cf., por exemplo: Pedro Arboleda, sobre quem fiz uma pequena biografia, incluída numa publicação sobre o Cristianismo-Islamismo: “Pedro de Arboleda”, Christian-Muslim Relations. A Bibliographical History, vol. 7. Central and Eastern Europe, Asia, Africa and South America (1500-1600), Thomaz, David, and Chesworth, Hohn, eds., (Leiden/Boston: BRILL, 2015), pp. 866-869.

¹⁹ San Inácio de Loyola, Obras Completas, op. cit., pp. 649-50.

²⁰ Relativamente aos missionários que mais marcaram a missão do Brasil, com destaque para Manuel da Nóbrega, José de Anchieta e António Vieira, as suas cartas só foram publicadas no século XX, cf. Serafim Leite, S. J., introdução e notas, Cartas do Brasil e mais escritos do Pe. Manuel da Nóbrega (Opera Omnia), Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra: Universidade de Coimbra (1938 -1950).- História da Companhia de Jesus no Brasil. Lisboa, Rio de Janeiro: Portugal: Civilização.- José de, Anchieta S.J., Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.- António Vieira, S. J., Cartas I – II – III. Coord. e anot. J. Lúcio de Azevedo, Lisboa: INCM. 1995. - Cartas do Brasil (1626-1697): Estado do Brasil e Estado do Maranhão e Grão-Pará. Org. João Adolfo Hansen, São Paulo, 2003.- António Vieira, Sermões (1679-1748). Porto: Lello & Irmão.Brasileira [10 vols, a partir do 3.º vol.], Lisboa: Portugal; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro,1959.

²¹ Tomem-se como exemplo as cartas publicadas pelo jesuíta Fernão Guerreiro S.J. 1550-1617. O Jesuíta foi missionário em Portugal e nas ilhas atlânticas. As suas “Relações Anuais”, em cinco volumes, tratam da ação dos jesuítas nas conquistas portuguesas durante os primeiros anos do século XVII. em 1607, publicava, em Lisboa, entre outras obras, indico a Relaçam annual. das cousas que fizeram os Padres da Companhia de Iesu nas partes da India Oriental, & em algumas outras da conquista deste Reyno nos annos de 604. & 605. & do processo da conuersam & Christandade daquellas partes. Tirada das cartas dos mesmos Padres que de la vieram, pello Padre Fernam Guerreiro da mesma Companhia... Vay diuidida em quatro liuros, o primeiro de Iapam, o segundo da China, terceira [sic] da India, quarto de Ethiopia & Guinè, Pedro Crasbeeck, 1607 e Imagens de CARTAS Edificantes, y Curiosas, escritas de las misiones extranjerias por algunos misioneros de la Compañia

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

frutificar *ad maiorem Dei gloriam*, a salvação dos homens através da evangelização.²² Ainda no domínio laudativo, igualmente cronológico e informativo, importa acrescentar as biografias ou os trabalhos edificantes em prol de alguns missionários que importava divulgar para ajudar a criar um modelo paradigmático de missão sem, no entanto, colocar em causa a adaptação aos espaços que a Ordem levou a cabo em muitas circunstâncias. Francisco Xavier é um bom exemplo. Foi um dos mais biografados desde o século XVI. Não apenas é considerado o grande missionário do Oriente, como o seu culto foi difundido em Portugal e em muitas partes do Império. Em Salvador da Baía (Brasil), por exemplo, passou a ser o padroeiro da cidade em 1686, por altura de uma grande peste que ali ocorreu.²³ Paralelamente a este conjunto de cartas e biografias, houve um outro grupo de missivas, *cartas para a missão / Litterae Indepetae*, que ajudou na consolidação de uma história inaciana, na definição do missionário, na educação e na espiritualidade jesuíta, assim como na escolha e

de Jesus. Traducidas del Idioma Francés por el Padre Diego Davin. En Madrid: En la Oficina de la Viuda de Manuel Fernandez, 1753-1755. Sobre o assunto consultar: Aníbal Pinto de Castro, *As Cartas dos Jesuítas do Japão, Documento de Um Encontro de Culturas*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 1991: https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas43-44/10_Pinto_Castro.pdf, [consultado 20 dezembro 2019]. Para o Brasil são poucas as cartas publicadas para o século VI ou XVII. Serafim Leite menciona apenas cartas de José de Anchieta, como tendo sido publicada em Lisboa, Roma, Barcelona e Veneza: *Cartas dos Primeiros Jesuítas no Brasil*, 2 vols., São Paulo: IV Centenário, 1953, pp. 133-209. Infelizmente não temos publicações similares para as missões internas – Província Lusitana – fontes como as edições que se seguem: Monumenta Ignatiana.- Monumenta Borgia.- Fabri Monumenta.- Monumenta Xaveriana.- Bobalillae Monumentae.- Polanco Historia Societatis Iesu.- Monumenta Pedagogica. Para outras Províncias ler: Monumenta Japoniae.- Monumenta Missionária Africana: África Ocidental.- Monumenta Mexicana.- Monumenta Peruana.- Monumenta Brasiliae.

²² Decorridos três anos sobre a morte de Francisco Xavier, a 3 de Dezembro de 1552, saía dos prelos de João Alvares, em Coimbra, a Cópia de unas cartas de algunos Padres y Hermanos de la Compania de Jesus que escriuieron de la índia, lapon, y Brasil a los Padres y Hermanos de la misma Compania trasladadas de portuguêes en castellano. Novas edições, acrescentadas, também em castelhano, saíram em 1562 e 1565 da tipografia de João de Barreira. Em 1570, António de Mariz editava em Coimbra, e com duas variantes gráficas, ambas dedicadas ao Bispo desta diocese D. Fr. João Soares, um volume intitulado *Cartas que os Padres e Irmãos da Companhia de Iesus, que andão dos Reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia da índia, e Europa, desde anno de 1549. Ate o de 66: Nellas se cota o principio, socesso, e bõdade da Christandade daquellas partes, e vários costumes, e idolatrias da gentildade. Outros casos podiam ser indicados, como por exemplo, as publicadas em Évora, por Manuel de Lira, a mando do de D. Teotónio de Bragança, Arcebispo da metrópole alentejana, as cartas que os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos Reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da In / dia, & Europa, desde do anno de 1549. ate o de / 1580 / [...] Nellas se conta o principio, socesso, & bondade da Christandade daquellas partes, & vários costumes, & falsos ritos da gentildade.*

²³ João de Lucena, S.J. 1550-1600, *Historia da vida do padre Francisco de Xavier: e do que fizeram na India os mais religiosos da Companhia de Iesu composta pelo padre Ioam de Lucena, da mesma Companhia, portuguesa, natural da Villa de Trancoso*. Lisboa: Pedro Crasbeek, 1600.- Alessandro Valignano, *Historia del principio y progreso de la Compania de Jesus en las Indias orientales (1542-64)*, Josef Wicki, ed., Rome: Institutum historicum S.I., 1944. Vale ressaltar que houve outros trabalhos publicados que, eventualmente, foram de grande ajuda para as missões no exterior, como é o caso de gramáticas e dicionários, entre outros escritos.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

motivação para as missões. São cartas pessoais, dirigidas ao Geral, escritas por jovens inicianos solicitando serem enviados para as missões ultramarinas. Atualmente existem no ARSI mais de 14.000 cartas, manuscritas, redigidas entre 1583 e 1770 por 5.167 padres.²⁴ Os factos relatados permitem identificar um género de biografia espiritual da Ordem. Estas epístolas possibilitam recriar o perfil psicológico e físico do padre, que nelas expressa as razões da sua opção por determinado espaço geográfico e onde sobressai, não apenas a vontade de converter o "outro", mas também de alcançar a sua própria salvação. Ou seja, a carta deve ser percebida como um mapa retórico em progresso da própria conversão.²⁵

Controvérsia regalista vs escrita antijesuíta

Decorridos mais de dois séculos desde a sua fundação, os ataques contra a Companhia de Jesus acentuavam-se dentro e fora da Europa. Em Portugal, a maior ofensiva surgiu no reinado de D. José I, tendo como Secretário de Estado do Reino Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal. Poucas instituições religiosas exerceram ao longo dos tempos tanto fascínio e tanta hostilidade. Sobre a Ordem, como Michel Leroy demonstrou, abateu-se uma "lenda negra", construiu-se um mito pela negativa, designado em alguns estudos "mito do estado jesuítico", por vezes "império jesuítico", ou "império oculto", cuja ambição e determinação era formar um governo global, e não apenas tomar conta de Portugal ou do Brasil.²⁶ Uma das questões, entre outras, que se colocava era a da obediência, isto é, deviam os jesuítas obedecer ao Geral, ao Papa ou ao Rei?

Por toda a Europa, desde a Idade Média, fortaleceram-se movimentos contra a Igreja; os desentendimentos entre monarcas e papas ocuparam lugar primordial em todos os países, especialmente entre os séculos XVI e XVII. A discussão ultrapassava a esfera religiosa e centrava-se na importância política, estando diretamente relacionada com a afirmação gradual da autoridade dos monarcas.²⁷ Porém, no século XVIII, o antagonismo adotou

²⁴ Marina Massimi, *Um incendiado desejo das Índias*. S. Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 14.

²⁵ Pécora, A., *Cartas à Segunda Escolástica. A outra margem do Ocidente*. A. Novaes (org.), São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 373.

²⁶ Cf. José Eduardo Franco, "Fundação pombalina do mito da Companhia de Jesus", *Revista de História das Ideias*, nº 22 (Coimbra, 2001), pp. 209-253.

²⁷ Luís Reis Torgal, *Ideologia política e teoria do Estado na Restauração*. Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1981, pp. 53-54; 54-63.

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

contornos de maior radicalismo, sendo intitulado de formas diversas, consoante os países: galicanismo; febreianismo, jesofismo. Em Espanha e em Portugal designou-se Regalismo. A controvérsia, falando de Portugal, consistia na interferência do rei e dos seus conselheiros na matéria religiosa.²⁸ Tratava-se de um movimento que em termos políticos podemos definir como regalista, em termos morais como jansenista e culturalmente como anti-aristotélico e anti-escolástico,²⁹ Com o Marquês de Pombal o “regalismo define-se por um carácter decorrente de uma teoria política de poder sacralizadora da soberania e identificadora do seu âmbito de jurisdição”.³⁰ A animosidade que se instalou gerou uma série de escritos que ajudou a fortalecer argumentos contra o poder dos jesuítas, vistos como tendo um plano secreto para dominar o mundo.³¹

Em Portugal, desde a fundação da Ordem, ainda em vida de D. Catarina de Áustria, haviam-se levantado algumas suspeitas sobre o projeto. Esta espécie de “heterodoxia” havia sido visível antes mesmo da sua criação. Inácio de Loyola fora acusado de ser um “alumbrado”, seita perseguida pela inquisição.³² Por mais de uma vez o Santo Ofício importunara-o e colocara os *Exercícios Espirituais* sujeitos à crítica inquisitorial. Viviam-se um tempo de mudança, no qual diversos pensamentos e doutrinas se confrontavam. Não era apenas a inquisição a desconfiar do pensamento de alguns inacianos, também o Protestantismo, em particular o Calvinismo, os tinha como perniciosos por serem a principal barreira no combate e ao avanço do Protestantismo.³³ As controvérsias com os protestantes

²⁸ Cândido dos Santos, “António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung”, Ensaio sobre o Regalismo e Jansenismo em Portugal na segunda metade do século XVIII”, *Revista História das Ideias*, 4 n.º 1 (Coimbra, 1982), p.170.

²⁹ Cândido dos Santos, “Matrizes do Iluminismo Católico da época Pombalina”, *Estudos de Homenagem a Luis António de Oliveira Ramos*, vol. 3, (Porto, 2004), p. 952.

³⁰ Zília Maria Osório de Castro, “Antecedentes do Regalismo pombalino. O Padre José Clemente”, *Estudos em homenagem a João Francisco Marques*, vol. VI (Porto, 2002), p. 323.-Francisco Contente Domingues, *Ilustração e Catolicismo: Teodoro de Almeida*. Lisboa: Colibri, 1994.- K. Maxwell, *Pombal, Paradox of the Enlightenment*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

³¹ Michel Leroy, *O mito jesuíta de Béranger à Michelet*. Lisboa: Roma Editora, 1992, pp. 385-387.

³² Cf: António José Coelho, S.J., *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*. Braga: Editorial A. O., 2005.- Luis Fernández, “Iñigo de Loyola y los Alumbrados”, *Hispania Sacra*, n.º 35 (Madrid, 1983), pp. 585-680.- Ricardo García-Villoslada, *San Ignacio de Loyola: nueva biografía*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1986, p. 392.- M. Firpo, *Tra alumbrados e “spirituali”*. Studi su Juan de Valdés e il valdesianesimo nella crisi religiosa del ‘500 italiano. Florence: Olshki, 1990.- M. Ortega-Costa, “San Ignacio en el “Libro de alumbrados”: nuevos datos sobre su primer proceso”, *Arbor*, n.º 107, (Madrid: Milagros Ortega-Costa), 1980, pp.163- 174.

³³ Cf. Léon Marcuse, *Ignace de Loyola, le dictateur des âmes*. Paris: Payot -Bibliothèque historique, 1936. Voltarei às fontes quando escrever sobre os estudos mais recentes a respeito da Companhia de Jesus.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

deram origem à publicação de livros que robusteceram epítetos sobre a Ordem, como foi a *Historia Ordinis Jesuitici*, publicada em 1593. Em 1614, na Polónia, surgiu um documento que se tornou representativo nas incriminações que se faziam contra estes *As Instruções Secretas dos Jesuítas* mais conhecidas pelo seu título latino de *Monita Secreta*.³⁴ O livro é anónimo, no entanto, os críticos afirmavam ser de autoria do padre jesuíta, o Geral Claudio Acquaviva (1543-1615). Estudos mais recentes atribuem a autoria desta obra a um jesuíta expulso da ordem em 1613, Jérôme Zahorowski. A *Monita* foi condenada e proibida por Roma, mas espalhou-se por toda a Europa. No século XVII foram realizadas diversas reedições em latim, em 1618 houve traduções para francês, alemão, espanhol, inglês e italiano.³⁵ A obra tornou-se uma das mais emblemáticas da campanha anti-inaciana. Mesmo no século XIX, no decurso da corrente liberal, em Portugal, foi reeditada. Tentava-se manter viva a ideia dos intentos secretos dos jesuítas. Algumas das lendas germinadas no século XVII acentuaram-se nos séculos seguintes.³⁶

A juntar à corrente regalista, as teses jansenistas (as quais em certos momentos estiveram próximos do regalismo) nascidas em França fortaleceram as reações contra os jesuítas. Pasquier Quesnel (1643-1719), à semelhança dos regalistas, defendeu o poder absoluto do rei, a autonomia do poder temporal e a submissão dos súditos eclesiásticos à autoridade temporal.³⁷ Após Quesnel ter publicado as 101 teses, o papa Clemente XI (1700-21), editou a bula *Unigenitus Dei Filius*, em 1713, na qual condena as teses por conterem “proposições sediciosas, temerárias, perniciosas, erróneas e de marcado carácter jansenista”,³⁸ acontecimento que endureceu ainda mais os ataques dos jansenistas contra a Companhia de Jesus, acusando-a de estar por detrás da não aprovação por parte do Papa Uma

³⁴ Michel Leroy, op. cit., p. 246.- Francisco Rodrigues, Os Jesuítas e a *Monita Secreta*. Roma: Tipographia Pontificia No Instituto Pio IX, 1912.- José Eduardo Franco e Christine Vogel, eds, *Monita Secreta. Instruções Secretas dos Jesuítas – História de um Manual Conspiracionista*. Lisboa: Roma Editora, 2010.

³⁵ A *Monita Secreta* tem tido diferentes títulos: *Monita privata*, *Monita secretissima*, *Monitoria secreta*, *Arcana Societatis*, ou *Mysteria patrum Jesuitarum*. Em Portugal o título foi traduzido para: *Instruções Secretas dos Jesuítas* ou da *Companhia de Jesus*, ou *Admoestações à Companhia de Jesus*.

³⁶ Cf. José Eduardo Franco e Christine Vogel, eds., *Monita secreta. Instruções Secretas dos Jesuítas*, op.cit.,

³⁷ Cf. Catherine Maire, *De la cause de Dieu à la cause de Nation. Le jansénisme au XVIIIe siècle*. Paris: Gallimard, 1998.- Philippe Moulis, “Réseaux jansénistes et antijansénistes dans le Nord et l’Est du royaume de France de la bulle *Unigenitus* à 1730”, Nicole Lemaitre, *Réseaux formels et informels : du Moyen Âge à nos jours*, Paris: Édition électronique du CTHS (Actes des congrès des sociétés historiques et scientifiques), 2016.

³⁸ Cândido dos Santos, *O Jansenismo em Portugal*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2007, p. 10.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

fúria de protestos cresceu contra aos jesuítas. Entre outros adversários, destacamos as críticas feitas por Jean le Rond d'Alembert (1717-83) e o advogado Le Paige, através da publicação da *Histoire de la destruction des jésuites* (1765). Tais escritos formaram um sustentáculo ideológico contra a Ordem e, como tal, tornou-se imperativa a defesa do poder político para se sobrepor ao poder religioso. Desta forma, em Portugal, as reformas empreendidas por D. José I (1750-77) e pelo seu Primeiro-ministro, facilitaram a circulação das teses jansenistas.³⁹ Esta vontade reformadora, que já havia ganho simpatias no clero português, fez com que o “jansenismo português” tenha tido difusão na metrópole e no império, particularmente no Brasil. Acima de tudo, o pombalismo foi uma época de manifestação do poder civil face à Igreja, particularmente aos jesuítas, em regiões onde o poder destes era mais relevante.

O desafio à autoridade régia fez aumentar a desconfiança que Pombal já tinha em relação à Ordem, tanto em Portugal como particularmente no Brasil, sobretudo na região norte, no Maranhão, onde os jesuítas se opunham às reformas pombalinas, e devido nomeadamente à influência que exerciam sobre os índios, à recusa na aplicação do Tratado de Madrid (1750), sendo acusados de colaborarem com Espanha.⁴⁰ De uma maneira geral, a «Ordem era una», só reconhecia obediência ao Geral, independentemente da naturalidade a que os seus membros pertenciam. Neste sentido, o problema deixava de ser luso e tornava-se global. Pombal acreditava que se tratava de um plano político de desestruturação dos impérios coloniais e de consolidação de uma autoridade jesuíta mundial. Isto é, temia perder o controlo sobre o governo e, conseqüentemente, sobre o espaço colonial.⁴¹ Para afastar o

³⁹ José Sebastião da Silva Dias, “Pombalismo e Teoria Política”, *Separata de Cultura – História e Filosofia*, Lisboa: Centro de História da Cultura da Universidade Nova de Lisboa, 1982, pp. 17; 1-2.

⁴⁰ Cf. Joely Aparecida Ungaretti Pinheiro, *Conflitos entre Jesuítas e Colonos na América Portuguesa (1640-1700)*. Tese de Doutoramento, Universidade Estadual de Campinas-Instituto de Economia, 2007, p. 110; José Alves de Souza Júnior, *Tramas do Cotidiano: Religião, Política, Guerra e Negócios no Grão Pará do Setecentos. Um Estudo sobre a Companhia de Jesus e a Política Pombalina*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009, p.374; Rafael Chamboleyron, “Em torno das missões jesuíticas na Amazônia (século XVII)” *Lusitania Sacra*, 2.^a série, n.º 15 (Lisboa, 2003), p. 171.

⁴¹ Edgar Leite Ferreira Neto, «Notórios Rebeldes», *A Expulsão da Companhia de Jesus da América Portuguesa*, *Tres grandes cuestiones de la historia de Iberoamérica : ensayos y monografías : Derecho y justicia en la historia de Iberoamérica : Afroamérica, la tercera raíz : Impacto en América de la expulsión de los jesuítas [CD-Rom con 51 monografías]*, (Fundación MAPFRE, Fundación MAPFRE Tavera), 2005. p. 124. Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tome 6, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1943, p. 624; Joely Aparecida Ungaretti Pinheiro, *op.cit.*, p. 118.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

poder dos jesuítas face ao índio e aos interesses da Coroa foi, entre outras medidas, publicada uma série de legislação que gradualmente secularizou as missões no Brasil.

Uma outra acusação que se prende com a Ordem relaciona-se com o impedimento do progresso das ciências. O alvará de D. José I, de 6 de Julho (ou de 28 de Junho) de 1759, extinguiu as escolas de Humanidades dos Jesuítas e proibiu o *Ratum Studiorum*, o seu método de ensino, pois era considerado “método obscuro e repelente, causa da decadência dos estudos de humanidades”⁴². O ensino passou assim para o controlo do Estado. Seria o Marquês quem viria a pôr em prática muitas das ideias defendidas no *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís António Verney (1713-92). A Universidade de Évora, pertencente aos Jesuítas, por exemplo, que havia sido criada no século XVI pelo cardeal D. Henrique (1512-80; reinado: 1578-80), foi extinta, e a Universidade de Coimbra sofreu profunda reforma. Pombal criou ainda a Aula do Comércio, implementada em Lisboa, em 1759, e em 1761 fundou o Real Colégio dos Nobres, um espaço que visava a constituição de novas elites de conhecimento, desligadas da educação jesuíta. Em dezembro de 1770, foi instituída a Junta de Providência Literária, que tinha como objetivo saber das causas da ruína da Universidade de Coimbra. Decorrido menos de um ano, a Junta apresentava as suas conclusões, e apontava os responsáveis como sendo, «certamente», os jesuítas.⁴³ A criação da Real Mesa Censória assegurava a vigilância sobre o corpo académico e a educação passava a depender dos interesses do Estado.

A decadência da Ordem também foi agravada com a acusação do seu envolvimento no suposto atentado contra D. José I. O amontoar de tensões culminaria na publicação da «lei da expulsão», acusando-se os jesuítas de serem «deploráveis corruptos, pela sua ingerência nos negócios temporais».⁴⁴ Já em 1757, os inicianos franceses haviam também sido implicados no atentado contra Luís XV, ao serem relacionados com as doutrinas que defendiam o regicídio, incidente que contribuiu para Pombal associar a Ordem a alguns motins ocorridos em Portugal, como o tumulto de 1757, no Porto, contra o monopólio

⁴² Cândido dos Santos, “Os jansenistas franceses e os estudos eclesiásticos na época de Pombal”, *Máthesis*, nº 13, (Lisboa, 2004), p. 69.

⁴³ Maria de Lourdes Craveiro, “O espaço jesuítico em Coimbra – em torno da expulsão e depois”, *Brotéria: Cristianismo e Cultura*, 169, (Lisboa, 2009), pp. 239-253.

⁴⁴ A 3 de setembro de 1759 a Companhia de Jesus foi expulsa: <www.iuslusitaniae.fcsh.unl.pt>.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

governamental do comércio do vinho. O jesuíta passou a ser a figura do adversário, a personificação do mal.

A 3 de setembro de 1759, data em que se concluiu um ano sobre o atentado contra D. José I, publicou-se a lei que expulsava os Jesuítas de todos os territórios portugueses, incluindo o Império, num total de 1480 padres, irmãos coadjutores e escolásticos.⁴⁵ Alguns ficaram presos nas masmorras de Belém e de São Julião da Barra e os seus bens foram sequestrados. Cinco inicianos foram deportados para África, ignorando-se o seu destino. Muitos dos que regressaram dos territórios do Império morreram durante a viagem, outros foram libertados das prisões e partiram para Roma. O velho padre Gabriel Malagrida (1689-1761), nascido em Menaggio, pequeno povoado nas margens do lago Como, no norte da hodierna Itália, foi acusado de heresia a 5 de dezembro de 1689. A naturalidade “italiana” implicou-o como prova de que a conspiração era fomentada por Roma, fazendo assim parte de um plano mais vasto.⁴⁶ Condenado à morte pelo Tribunal da Inquisição, foi relaxado à justiça secular com mordaza e carocha com rótulo de heresiarca e enforcado a 21 de setembro de 1761, no Rossio, em Lisboa. Foram muitas as vozes que se levantaram contra a sua morte. Voltaire (1694-1778), no seu *Précis du siècle de Louis XV* (1756), registou o horror a que Malagrida fora sujeito. Para o filósofo, o suplício do padre era uma vergonha, não passava de um ato vingativo de Pombal contra a Ordem.

Os inicianos foram igualmente obrigados a abandonar as províncias e as missões. Uma das medidas mais firmes consistiu no seu embarque forçado em nove expedições. De 24 de outubro de 1759 a 7 de julho de 1761 aportaram ao porto de Civitavecchia oito expedições (três de jesuítas portugueses, duas de jesuítas das duas províncias do Brasil e Maranhão e as restantes três das ilhas da Madeira e dos Açores, de Goa, da China e do Japão) num total de 1036 inicianos. A estes juntar-se-iam, em 1767, mais 39 padres oriundos das províncias de Lisboa. Admite-se que em 1767 desembarcaram nos territórios pontifícios 1092 jesuítas, dos quais um elevado número tenha, já nesse ano, perecido em solo italiano.⁴⁷

⁴⁵ António Trigueiros, S. J., “A expulsão e exílio dos jesuítas de Évora em 1759”, Universidade de Évora (1559-2009): 450 anos de modernidade educativa, Coordenação de Sara Marques Pereira e Francisco Lourenço Vaz, Lisboa: Chiado editora, 2012, p. 367.

⁴⁶ Jean Lacouture, Os Jesuítas. vol. 1, Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 485.

⁴⁷ António Trigueiros, S. J., “A expulsão e exílio dos jesuítas de Évora em 1759”, op.cit., pp. 367-368

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

Após a morte de D. José I, apesar do apoio da nova rainha, D. Maria (1777-1816), não se conseguiu a reabilitação da Ordem. A rainha, em diversas circunstâncias, deu mostras da sua simpatia para com os padres e tomou medidas económicas visando o seu sustento. Mas Frei Inácio de São Caetano (1719-88), frade da Ordem dos Carmelitas Descalços, bispo de Penafiel, arcebispo titular de Tessalónica, confessor da rainha, inquisidor-geral, anti-jesuíta, dificultava o seu renascimento.⁴⁸ O contexto europeu que se observava também inviabilizava o seu restabelecimento em Portugal e algumas monarquias preferiram desterrá-los. Em 1767, foram expulsos dos reinos de Espanha e das Duas Sicílias, e o papa Clemente XIV (1769-74) suprimiu oficialmente a Companhia com o breve *Dominusac Redemptor*, em 1773. À exceção da Prússia de Frederico II (1740-86) e da Rússia de Catarina II (1762-96), nenhum monarca protegeu os jesuítas. Foram proscritos sem conseguirem o amparo de outros religiosos.

Pós-restauração: século XIX

No século XIX, um grupo de historiadores — alguns deles destacar-se-ão já na historiografia do século XX — trazem novos paradigmas historiográficos. Sérgio Campos de Matos e David Mota Alvarez reconhecem dois modelos historiográficos: o “modelo liberal-laicista” representado por autores como Alexandre Herculano,⁴⁹ Teófilo Braga, Joaquim Pedro de Oliveira Martins, Alberto Sampaio, António Sérgio e Jaime Cortesão e o “modelo católico-conservador” representado por figuras ligadas ao integralismo e ao monarquismo contrarrevolucionário nas décadas de 10 a 30 do século XX, como António Sardinha, Alfredo Pimenta e João Ameal,⁵⁰ todavia nenhum destes grupos elegeu a Companhia de Jesus como único tema de análise. A referência à Companhia, para a maioria dos intelectuais Oitocentistas, sobrevém associada a instituições que contribuíram para o isolamento e

⁴⁸ Miguel Corrêa Monteiro, Inácio Monteiro (1724-1812). Um Jesuíta Português na Dispersão. Lisboa: CHUL, 2004, pp. 256-261.

⁴⁹ O historiador que inaugurou a mudança historiográfica foi Alexandre Herculano, mas com objetivos políticos e panfletários. A sua história é antijesuíta e anticlerical, pensamento que passará para a Primeira República (Cf.: A.I. Buesco, O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Herculano. Uma Polémica Oitocentista. Lisboa: INIC, 1987.

⁵⁰ José Luís Cardoso, “Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1820)”, Sergio de Matos (coord.), Dicionário de Historiadores Portugueses da Academia Real das Ciências ao Final do Estado Novo, Lisboa, Centro de História, 2013: 339-366: <http://hdl.handle.net/10451/9253>, [consulta 2 janeiro 2019].

obscurantismo do País e ainda para a decadência nacional, como foram a Inquisição, a expulsão e perseguição de judeus e de muçulmanos.⁵¹ Muitos destes historiadores também associaram o movimento das Descobertas portuguesas a um momento negativo da História de Portugal, ao qual a Ordem está fortemente ligada. Porém, ainda que em menor número surgiram trabalhos de teor anti-congregacionista, particularmente anti-jesuíta como foi a obra de José Ernesto de Sousa Caldas, *Os jesuítas e sua influência na actual sociedade portuguesa: meio de a conjurar*, publicada no Porto, em 1901. No entanto, a Companhia de Jesus também não expôs uma produção literária que fosse capaz de rebater as críticas e fazer renascer o velho mito. A resposta que se conhece à crítica de Caldas foi tardia e vem do inaciano Francisco Rodrigues, (1873-1956), com o livro *Jesuitophobia: Resposta serena a uma diatribe*, publicado no Porto, em 1917.⁵² A reação e ação inaciana no século XIX foi como que uma refutação às incriminações que durante séculos os jesuítas receberam, o atraso científico a que votaram o ensino em Portugal. Agora, centravam-se fundamentalmente no ensino, associando a ciência e religião, promovendo o ensino experimental das ciências naturais e o desenvolvimento da investigação na botânica e zoologia, tendo como porta-voz a revista inaciana, criada em 1902, no Colégio de São Fiel, a *Brotéria*. A edição de revistas inacianas, em diferentes países, no final do século XIX e início do século XX foi uma constante.

História ao serviço do nacionalismo

No Estado Novo (1933-74) enaltece-se a época da Expansão como forma de fortalecer o presente colonial, mobilizando um grupo de historiadores cada vez mais marcados por uma perspectiva nacionalista do tema, apesar de algumas exceções como a do médico-historiador português Jaime Cortesão (1884-1960), ou, mais tarde, a de Vitorino Magalhães Godinho

⁵¹ Em 1899, António José Teixeira, lente de Matemática na Universidade de Coimbra, encarregue de reunir um conjunto de documentos, em 1860, para coordenar a história literária da Universidade de Coimbra, publicou a obra *Documentos para a história dos Jesuítas em Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade, ao aperceber-se da quantidade de documentos e da importância que a Companhia de Jesus desempenhou em Portugal, Cf: <https://archive.org/details/documentosparahi00teix/page/460>.

⁵² Francisco Rodrigues foi um dos primeiros padres expulsos na República que produziu uma obra de vulto, de defesa e divulgação da formação e missão inaciana em Portugal e no império, contrariando o velho mito pombalino, liberal e republicano. Cf. *A formação intelectual do jesuíta: leis e factos*. Porto, Livr. Magalhães e Moniz, 1917.- *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*. Porto, Liv. Apostolado da Imprensa, 1931.- *Os Jesuítas e Monita Secreta*. Roma: Tip. Pontifícia no Instituto Pio IX, 1912.- *Jesuítas Portugueses Astrónomos na China: 1583-1805*. [S.l. :s.n.]. 1925.

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

(1918-2011) lendo a economia da Expansão em contexto mundial. Godinho, no panorama historiográfico nacional, mas com enorme ressonância internacional, rompeu, com a história nacionalista da expansão portuguesa. Discípulo da escola francesa agrupada em torno da revista *Annales*, acentua com rigor a importância essencial dos fatores económicos e das infraestruturas sociais na explicação do passado colonial luso. A obra *Os Descobrimentos e a Economia Mundial* (1965-71) constitui uma fonte imprescindível a ser meticolosamente pesquisada que integra o papel desempenhado pelos portugueses num sistema de comércio global entre os séculos XV e XVIII, mostrando como se entrelaçam e conjugam aspetos vários das disciplinas das ciências sociais na investigação histórica, mas sem importância para a história das missões ultramarinas. Obviamente as suas teses não foram aceites pelo “Estado Novo”.

O “Estado Novo”, desde o início, acolhe algumas teses do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre (1900-87) praticamente adotando o *lusotropicalismo* enquanto justificação da especificidade do colonialismo português. O historiador britânico Charles Richard Boxer (1904-2000), que em resposta às teses de Freyre publicou *Race Relations in the Portuguese Colonial Empire* (1963) procurando demonstrar que a natureza do regime colonial português, longe de poder ser reduzida a uma versão idealizada da convivência entre raças e civilizações, teria de ser caracterizada em função das diversas situações de discriminação social, amplo recurso ao escravismo, bem como à utilização política e social de instrumentos de coerção e violência próprios do colonialismo. Boxer enceta um ciclo historiográfico oposto ao defendido pelo regime e também diferente do viés de uma economia global, como fizera Godinho, e apresenta um império heterodoxo na sua estrutura, colocando em ação diferentes grupos sociais e instituições. Boxer torna-se um dos maiores especialistas internacionais sobre a expansão portuguesa.⁵³ Revelando um amplo domínio das fontes, tanto europeias como japonesas, em 1969, publica *The Portuguese Seaborne Empire (1415-1825)*, obra de síntese, com destaque para aspetos sociais e religiosos no âmbito do padroado, recorde-se

⁵³ Embora a obra de Boxer tenha tido maior projeção, devo, no entanto, sublinhar um dos primeiros trabalhos escritos por um historiador francês sobre os jesuítas no Japão: Léon Bourdon, *La Compagnie de Jésus et le Japon. La Fondation de la Mission Japonaise par François Xavier (1547-1551) et les Premiers Résultats de la Prédication Chrétienne sous le Supérieur de Cosme de Torres (1551-1570)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

ainda, entre outras matérias, *Portuguese Merchants and Missionaries in Feudal Japan, 1543; The Church Militant and Iberian Expansion: 1440-1770*.

No século XX, retomando a divulgação do que foram os primeiros tempos da Companhia de Jesus, publicaram-se grandes coletâneas documentais de cartas (e alguns estudos), por vezes com introdução e notas explicativas basicamente ligadas às missões ultramarinas dos séculos XVI e XVII, obras de abrangência espacial e temporal, mostrando a importância destas na construção do império ultramarino. Destacamos as edições organizadas pelos jesuítas Joseph Wicki, George Schurhammer, e Serafim Leite, entre outros, além de António da Silva Rego, sacerdote. Para além da edição de fontes, tornaram-se também estudiosos da Ordem e, globalmente, abriram-se para os critérios da história crítica moderna. No entanto, trata-se de estudos centrados essencialmente na divulgação do que foram os primeiros dois séculos de existência da Ordem, embora extraordinariamente ricos na indicação de fontes documentais. Ainda que a apologia à Ordem seja uma constante, aqueles trabalhos são imprescindíveis para quem hoje queira estudar a Companhia de Jesus. A importância da publicação de fontes, tanto de cartas como outro tipo de documentação, dava continuidade ao interesse de se escrever uma história definitiva da Companhia. O assunto havia sido abordado em 1892, na XXIV Congregação Geral, reunida em Loyola, mas só foi institucionalizado em 1930 com a fundação em Roma do Instituto Histórico da Companhia de Jesus.

Esse era o ponto comum a estas bibliografias. E o grande interesse dos vários autores pelos trabalhos sobre a história das missões da Companhia e sobre as fontes documentais, residia no anseio de se estabelecer uma história definitiva da Ordem. Em quase todas, porém, era perceptível o objetivo da edificação, do modelo, uma vez que se voltavam sobretudo para um público que deveria estar ao interno da própria Ordem. E quando foi destinada ao público em geral, a escritura tornava-se apologética.

Um aspeto a destacar no âmbito da historiografia sobre a Companhia de Jesus no final do século XIX e no início do século XX foi a criação de revistas, editadas pelos Jesuítas em diferentes países, assim como a impressão de obras intelectuais e de erudição histórica nas suas respectivas províncias. A partir de 1810 a publicação de bibliografias passou a ser mais técnica e profissional; as bibliografias gerais internacionais cederam espaço às obras

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

nacionais, bem mais especializadas com repertórios retrospectivos, mas progressivos. Ao mesmo tempo, acompanhavam a publicação de tratados teóricos sobre as bibliografias.

Missões e redes globais

Charles Boxer com o livro *A Igreja e a expansão atlântica* abre um ciclo historiográfico que mobilizou diversos pesquisadores estrangeiros que trouxeram novas abordagens e novas temáticas à investigação sobre o império, destacando a capacidade da Companhia de Jesus no apoio dado às coroas ibéricas na expansão colonial. A mudança trazida por Boxer foi igualmente acompanhada, tanto nos Estados Unidos da América como na Europa, por uma geração de historiadores jesuítas que inauguraram a *New Jesuit History* afastando-se da narrativa apologética que caracterizou a historiografia pós-restauração.

O historiador norte-americano A. J. R. Russell-Wood (1940-2010), na obra *A World on the Move: The Portuguese in Africa, Asia, and America 1415–1808*,⁵⁴ defende ser o mar a força unificadora do disperso Império português, aonde circula um movimento constante de pessoas, bens e ideias. O livro de Wood permite-nos entender como a Companhia de Jesus, devido à mobilidade constante, foi um dos principais agentes da circulação cultural, religiosa e até comercial. Assim, esbateu-se a ideia de um império totalmente controlado pela Coroa, para se pensar simultaneamente num império oficioso, no qual a Companhia de Jesus foi uma peça central, que tanto podia ajudar os representantes régios como os particulares que circulavam pela vastíssima “rede” que define o império português, mas onde igualmente fomentava um clima de instabilidade, quer na sua relação com outras ordens religiosas, disputando as cristandades, quer na interação com as comunidades de cristãos locais, tentando impor a prática do rito romano.⁵⁵ Um pouco mais tarde, o historiador norte-americano Dauril Alden (1926-), em *The Making of an Enterprise: The Society of Jesus in Portugal, Its Empire, and Beyond, 1540-1750*,⁵⁶ redige a história Companhia de Jesus desde a fundação até à expulsão de Portugal e do império. Embora se reporte às atividades evangélicas e educacionais dos jesuítas, o livro dá realce às relações políticas com autoridades portuguesas e autóctones, à fundação de instituições de apoio às missões, às

⁵⁴ New York: St. Martin's. 1992.

⁵⁵ Cf. Comércio e Conflito. A Presença Portuguesa no Golfo de Bengala 1500-1700. Lisboa: Edições 70, 1994.

⁵⁶ Stanford: Stanford University Press, 1996.

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

atividades económicas conferindo uma perspectiva “empresarial”, na qual emerge a ideia de empresa económica face ao confronto entre o voto de pobreza e a administração de uma fabulosa riqueza, à sua relação com outras ordens religiosas e às distintas estratégias missionárias que a Ordem empregou para fundar as missões.⁵⁷

As missões jesuítas não se limitaram à esfera política portuguesa, como no caso do Tibete, onde o primeiro europeu a chegar foi o jesuíta português, António de Andrade. Esta viagem constituiu matéria para diversos trabalhos do historiador francês Hugues Didier (1942-), especialista em História e Literatura religiosa ibérica.⁵⁸ Mais recentemente, a historiadora croata Inês G. Županov (1955-), também elege a Companhia de Jesus como a ordem religiosa mais circulante e literária, responsável pela veiculação de conhecimento e tem estudado, em particular, as missões na Índia, dedicando especial atenção à região do Maduré (hoje Madurai, no hodierno Estado de Tamil Nadu), onde as questões da catequização são peculiares, e aonde os Jesuítas aparecem como mediadores culturais.⁵⁹

Tanto as missões inicianas em África, como a elaboração de vocabulário e de gramáticas com o propósito de “traduzir” o cristianismo perceptível para o “outro”, particularmente no caso da China, têm sido tema de trabalho do historiador norte-americano Joseph Abraham Levi.⁶⁰ Também investigadores orientais se têm interessado pelos primeiros

⁵⁷ Tempos antes de Alden, John W. O'Malley publicou *The First Jesuits*. Cambridge: Harvard University Press, 1993. O'Malley apresenta uma síntese da Companhia de Jesus entre os séculos XVI e XX, onde destaca o seu papel na Contra-Reforma. Outra síntese foi escrita por Jean Lacouture, *Jésuites*, tomo 1, *Les Conquérants*, 1991, *Jésuites*, tomo 2, *Les Revenants*, 1992, aonde destaca as principais figuras ligadas à Missão e à Ciência. No entanto, nem O'Malley nem Lacouture analisaram as missões ao serviço da Coroa portuguesa.

⁵⁸ Hugues Didier, *Les Portugais au Tibet: Les premières relations jésuites, 1624-1635*. Paris: Editions Chandeigne, 1996.- Hugues Didier, “Estudo histórico”, *Os Portugueses no Tibete: os primeiros relatos dos jesuítas (1624-1635)*. Lisboa, Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

⁵⁹ Ines G. Županov, *Missionary Tropics; The Catholic Frontier in India (16 th-17th centuries)*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.- Ines G. Županov, *Disputed Mission; Jesuit Experiments and Brahmanical Knowledge in Seventeenth-Century India*, New Delhi: Oxford University Press, 1999.

⁶⁰Cf. Joseph Abraham Levi, *O Dicionário Português-Chines de Padre Matteo Ricci, S.J. (1552-1610): Uma Abordagem Historico-Linguística*. New Orleans: University Press of the South, 1998.- Joseph Abraham Levi, e W. South Coblin. *Francisco Varo's Grammar of the Mandarin Language (1703)*. An English Translation of 'Arte de lingua mandarina.' Joint work with W. South Coblin. Introduction by Dr. Sandra Breitenbach. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 2000.- Joseph Abraham Levi, “The Ricci-Ruggieri Dicionário Europeu-Chinês: Linguistic and Philological Notes on Some Portuguese and Italian Entries”, *Studies in Chinese and Sino-Tibetan Linguistics: Dialect, Phonology, Transcription and Text 漢語與漢藏語研究：方言、音韻與文獻*, Eds. Richard VanNess Simmons, and Newell Ann Van Auken, Taipei: Academia Sinica, 2014, pp. 343-366, entre outros estudos.

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

contactos entre a Europa e o Oriente, o que não surpreende pois Francisco Xavier foi dos primeiros missionários jesuítas a chegar ao Japão. A historiadora japonesa Oka Mioko, com base em fontes japonesas e portuguesas, tem estudado a ação quer de jesuítas quer de grupos de mercadores em Macau, Manila e Japão, focalizando-se nas conveniências que ligam e dividem estes grupos. Uma das figuras a que tem dedicado atenção é ao jesuíta, político e diplomata português João Rodrigues *Tçuzu* (1561- 1633; *Tçuzu* = interprete), intérprete e linguista autor do primeiro dicionário japonês-português, da primeira gramática da língua japonesa e, por incumbência dos superiores, escreveu também a *Historia da Igreja do Japão* dando uma perspetiva detalhada da civilização japonesa.⁶¹

As últimas duas décadas, devido ao intercâmbio acentuado que se tem estabelecido entre a academia portuguesa e brasileira e à facilidade de acesso a maior quantidade e mais diversificada documentação, assim como em virtude da mudança epistemológica e metodológica que a História adotou, nomeadamente o recurso a outras ciências sociais e humanas, têm modificado o olhar sobre a história da colonização portuguesa. A academia brasileira despertou com mais entusiasmo para a história colonial, diversificando as temáticas de trabalho, com destaque para as missões inacianas no âmbito da evangelização e conversão dos indígenas ao catolicismo. Os estudos sobre a história dos povos indígenas sustentada em outros campos do saber, como a antropologia, a discussão do papel das missões no contexto das relações interculturais adquirem ênfase na historiografia brasileira. As missões da Companhia de Jesus tendem a ser estudadas na dialética do encontro entre o europeu/jesuíta e o “outro”/indígena, a debater de que forma as identidades são (re) constituídas a partir desse contacto, e de que modo o missionário e o indígena se adaptaram às circunstâncias do momento. Um conjunto de historiadores tem abordado as missões inacianas fora dos grandes

⁶¹ Ler: Mihoko Oka. “A Memorandum by Tçuzu Rodrigues: The Office of Procurator and Trade by the Jesuits, Japan,” *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, n° 13, (Lisboa, 2006), pp. 81-102. Michael Cooper (1930-2018) foi um dos primeiros americanos a estudar o encontro entre os jesuítas e o Japão: João Rodrigues, *A Jesuit Missionary Who Worked in Japan and China from 1577 to 1633*; Michael Cooper. *They Came to Japan: An Anthology of European Reports on Japan, 1543-1640*. Ann Arbor: Center for Japanese Studies – University of Michigan, 1995. Foi também o editor da *Monumenta Nipponica*.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

centros de poder como eram a Baía e o Rio de Janeiro. Presentemente, por exemplo, Sergipe, Espírito Santo ou Grão-Pará e Maranhão alcançam evidência na história colonial do Brasil.⁶²

Ciência, poder e espiritualidade

Em Portugal, reportamo-nos a partir dos anos 90 do século XX, o pendor historiográfico em relação à Companhia pauta-se por uma “secularização” do discurso, mesmo em obras escritas por jesuítas. A mudança deve-se à influência de uma historiografia europeia proveniente de outras ciências sociais como o alemão Max Weber (1864-1920), o francês Émile Durkheim (1858-1917), o francês Michel Foucault (1926-1984), mas também o francês Jean Delumeau (1923-), o britânico Charles R. Boxer (1904-200) e outros já citados. Naturalmente, o intercâmbio universitário tem ajudado na renovação do paradigma nas inúmeras regiões trabalhadas, como a seguir apresentaremos.

A existência da Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (1986-2002), e a criação de mestrados e doutoramentos sobre a expansão portuguesa, fez com que os estudos sobre a Companhia de Jesus tenham conhecido maior crescimento no que diz respeito às missões além-mar.

A Ordem fez parte do processo de globalização que se ampliou a partir do século XVI, estabelecendo-se em muitas partes do Oriente, como em Macau e na China. A partir do Colégio de São Paulo de Goa e do Colégio de São Paulo de Macau seguiam missionários que iam para as missões do Japão, Tonquim, Tidore, China, Ternate, Sião, Amboino, Malaca, Pegu, Camboja, Solor, Cochinchina, Macassar, Bengala, Bisnaga, Madure, Costa da

⁶² Um bom ponto de partida para os interessados nas missões jesuítas no Brasil é Serafim Leite, *História da Companhia de Jesus no Brasil*. 10 vols, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938-1950. Outros estudos, mais recentes podem ser indicados, como exemplo, Charlotte de Castelnuovo-L'Estoire, *Les ouvriers d'une vigne stérile: les jésuites et la conversion des indiens au Brésil, 1580-1620*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.- José Eisenberg, *As Missões Jesuíticas e o pensamento Político Moderno*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.- Marcia Amantino. “Escravidão, mestiçagens e o projeto cristão dos jesuítas na Argentina colonial e no Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII”, Isnara Pereira Ivo, Eduardo França Paiva, e Marcia Amantino (eds), *Religião, religiosidades, escravidão e mestiçagens*, São Paulo: Intermeios.- Maria José dos Santos Cunha, *Os Jesuítas no Espírito Santo: Contactos, Confrontos e Encontros: (1549 1759)*. Tese de Doutoramento, Universidade de Évora, 2015. Obviamente, existem muitos outros trabalhos sobre esse tópico; no entanto, uma “análise específica” sobre a presença inaciana no Brasil, está fora do escopo deste ensaio. Também vale mencionar aqui o fato de haver um grupo de académicos brasileiros que tem publicado sobre a presença jesuíta na Ásia, a saber: Célia Tavares, Patrícia de Souza Faria, e, mais recentemente, Bruna Dutra Cruz, Jorge Henrique Leão e Laís Sousa Viena de Sousa.

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

Pescaria, Ceilão, Travancor, Malabar, Goa, Salsete, em Bombaim, Lahore, Diu, Etiópia, ou Monomotapa, para além de muitas outras regiões de África e das Américas onde também estiveram presentes. Será impossível indicar uma leitura individual sobre cada trabalho escrito. Mas traços globais sobrepõem-se ao que de muito se tem redigido: a Ordem não aparece apenas como uma intérprete da vontade da Coroa portuguesa, ou até da Igreja Romana, mas fazem-se estudos sobre o modo como alguns membros da Companhia desenvolveram um projeto, tendo em conta os contextos socioculturais ou de sobrevivência física, entrando em conflito quer com alguns inicianos, quer com outras ordens religiosas, bem como com os distintos poderes. Por exemplo, o historiador português João Paulo Oliveira e Costa, na sua tese de doutoramento *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*⁶³ valorizou a missão religiosa num dos espaços mais distantes do império português, onde os jesuítas fruíram de importância. Francisco Xavier representou um marco no início da missão moderna. A presença iniciano no Japão excedeu o projeto religioso e a Companhia ajudou a estabelecer uma conexão comercial com Portugal. É onde a Ordem se torna também “mercadora” para fazer face aos gastos com as missões. Após uma época de prosperidade, o catolicismo foi banido. Entre os muitos fatores para que tal sucedesse podemos destacar as discórdias no seio da Ordem e as consequências sociais que o cristianismo estava a introduzir no seio da sociedade nipónica, como têm evidenciado os trabalhos do historiador português Lúcio Manuel Rocha de Sousa.⁶⁴

A missão na China não tem sido estudada pelo cômputo dos convertidos, pois o número foi limitado, mas tem sido abordada através das figuras que abriram a China ao ocidente, usando a ciência e o conhecimento do idioma chinês para serem aceites pela Corte. Matteo Ricci (1552-1610) e Michele Ruggieri (1543-1607) foram as duas principais figuras na missão chinesa. Se Ricci se notabilizou na matemática e na astronomia, Michele Ruggieri, em 1584, executou a primeira obra impressa em caracteres e idioma chinês, composta por um diálogo entre um europeu e um chinês sobre o verdadeiro Deus e a verdadeira religião

⁶³ João Paulo Costa, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1998.- Armando Martins Janeira, *O impacto português sobre a civilização japonesa*. Lisboa: 1970, ou, mais recentemente teses sobre como os missionários vieram ao Japão e outras regiões do Extremo Oriente.

⁶⁴Cf. *Japão e os Portugueses (1580-1614): Religião, Política e comércio*. Tese de Doutoramento, Universidade do Porto, 2007.

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

(*Tianzhu shilu* - Verdadeiro Tratado do Senhor do Céu).⁶⁵ Também o jesuíta português Tomás Pereira (1645-1708), presidiu informalmente ao Observatório de Pequim, na corte imperial, onde os jesuítas ficaram conhecidos como os “Padres da Corte”.⁶⁶ Os colégios inicianos no Oriente também têm permitido perceber/comparar o percurso de algumas missões quer no âmbito da catequização, das matérias lecionadas, quer a sua diversidade na adaptação aos espaços - adaptação e a *acomodatio*.⁶⁷

Olhando para a Costa Ocidental de África, ali, as missões inicianas não singraram como no Oriente ou no Brasil. Nuno da Silva Gonçalves, S.J. (1958-), na sua tese *Os Jesuítas e a missão de Cabo Verde (1604-1642)*,⁶⁸ apoiado em fontes de diferentes arquivos, explica a existência breve e a complexidade da missão, pelo facto de abranger dez ilhas e o litoral africano, uma área vastíssima de composição demográfica muito heterogénea a que acrescia o número reduzido de missionários e os conflitos constantes entre a Coroa e a população. De uma maneira geral foi difícil a fixação da igreja católica em África. Fora da Costa Ocidental, as missões também não se afirmaram. Para além de uma forte presença muçulmana, da diversidade cultural, da deficiente coordenação dos missionários, o seu envolvimento nos negócios, a sua relação próxima com as autoridades políticas e a sua riqueza, como no caso de Angola, ou ainda a luta com os capuchinhos espanhóis no Congo, tudo contribuiu para o seu fracasso.⁶⁹

⁶⁵ Cf: Horácio de Araújo. *Os Jesuítas no Império da China: o primeiro século (1582-1680)*. Macau: IPOR 2000.- Isabel Pina também trabalhou os jesuítas na missão da China: *Os Jesuítas em Nanquim (1599-1633)*. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2008.

⁶⁶ Ler: Tomás Pereira, Luís Filipe Barreto, Arnaldo do Espírito Santo, Ana Cristina da Costa Gomes e Pedro Correia, *Obras*. 2 vols. Lisboa: CCCM, 2011. Ler: Leonor Diaz de Seabra, “Macau e os jesuítas na China (séculos XVI e XVII)”, *História Unisinos*, 15. n.º 3 (S. Leopoldo, 2011), pp. 417-424.

⁶⁷ Para uma maior compreensão do tema ler: Maria de Deus Manso, e Leonor Diaz de Seabra, “Ensino e Missão Jesuíta no Oriente”, *Culturas e Sociabilidades Atlânticas*, Suely Almeida, Marília Ribeiro, e Gian Silva (eds.), Recife: UFPR, UFRPE e Universidade de Pernambuco, 2012, pp. 83 -130.- Maria de Deus Beites Manso e Leonor Diaz Seabra, “Jesuit Schools and Missions in the Orient”, *Permanent Transit. Discourses and Maps The Intercultural Experience*, Clara Sarmento, Sara Brusaca e Silvia Sousa (ed.), Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2012, pp. 177-210.

⁶⁸ *Università Gregoriana*, Roma, 1995. Mais tarde publicada como: *Os jesuítas e a missão de Cabo Verde (1604-1642)*. Lisboa: Brotéria, 1996.

⁶⁹ Para uma maior informação sobre a presença inaciana em África, ler: Joseph Abraham Levi “A missionação em África nos séculos XVI-XVII”, *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* 7, n.º 13/14 (Lisboa, 2008) [2009], pp. 439-462.- Carlos Almeida, “A Companhia de Jesus em Cabo Verde (1604-1642)”, *Povos e Culturas* 4 (Lisboa, 1998), pp. 535-573.- Carlos Almeida. “A primeira missão da Companhia de Jesus no reino do Congo (1548-1555)”, *D. João III e o Império - Actas do Colóquio Internacional comemorativo do seu nascimento*,

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

Para concluirmos esta nossa rápida analogia de abordagens missionárias e culturais, reportamo-nos de seguida ao caso de Portugal. O historiador português José Pedro Paiva e o historiador espanhol Frederico Palomo são dois exemplos a registar no âmbito das missões internas, com destaque para a micro-história,⁷⁰ quando se referem a regiões como Évora e outras cidades menores do reino. As funções nas comunidades rurais, como a pregação, a doutrinação, a pacificação de conflitos, a confissão, a divulgação de imagens, de textos, e de outros instrumentos ao seu alcance, garantiram a eficácia da atividade missionária na transmissão de um modelo de vida, de espiritualidade, asseguraram a vivência cristã e funcionaram como um instrumento disciplinador.⁷¹ Neste aspeto, segundo o historiador italiano Giuseppe Marcocci, os jesuítas portugueses observavam o “modelo de fê defendido pela Inquisição” com a qual colaboraram, particularmente na segunda metade do século XVII.⁷² O que não invalida que também tivesse havido jesuítas perseguidos e questionado a instituição, como já abordámos. Tanto a Inquisição como as visitas pastorais apoiaram a preponderância sobre a sociedade do modelo de Igreja saído do Concílio de Trento (1545-63).⁷³ Os inicianos desenvolveram um projeto de ataque contra o protestantismo e a heresia, e ao mesmo tempo de renovação na evangelização.⁷⁴

Lisboa: CHAM-CEPCEP, 2004, pp. 865-888.- Maria de Deus Manso, *História da Companhia de Jesus em Portugal*. Lisboa: Parsifal: 2016.

⁷⁰ José Pedro Paiva também lida com macro-história quando fornece informações sobre a complexidade da vida no Reino, onde compara missões em diferentes áreas geográficas do Império Português: *Baluartes da fé e da disciplina: o enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2011.

⁷¹ Ler: José Pedro Paiva, “As missões internas”, *História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira Azevedo, ed., Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, pp. 239-250, e José Pedro Paiva, *Baluartes da fé e da disciplina: o enlace entre a Inquisição e os bispos em Portugal (1536-1750)*, op.cit. Este livro enfoca os processos políticos, institucionais, sociais e culturais do Portugal moderno. Discute os laços entre a Inquisição Portuguesa e os bispos portugueses (1536-1750). Paiva mostra como os bispos portugueses e os agentes da Inquisição Portuguesa foram fundamentais para defender a fé católica na Contra-Reforma. Ler ainda, entre outras obras Frederico Palomo, *Fazer dos campos escolas excelentes: os jesuítas de Évora e as missões do interior em Portugal: 1551-1630*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2003.- Frederico Palomo, *A Contra-Reforma em Portugal 1540-1700*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

⁷² Giuseppe Marcocci, *A consciência de um império. Portugal e o seu mundo (sécs. XV-XVII)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012, p. 220.- Giuseppe Marcocci, “Inquisição, jesuítas e cristãos-novos em Portugal no século XVI,” *Revista de História das Ideias* 25 (Coimbra, 2004), pp. 247-326.

⁷³ José Pedro Paiva, “Inquisição e visitas pastorais: dois mecanismos complementares de controlo social”, *Revista de História das Ideias*, 11 (Coimbra, 1989), pp. 85-102.

⁷⁴ Louis Châtellier, *A religião dos pobres, as fontes do Cristianismo moderno séc. XVI-XIX*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, pp. 27-28.

Maria de Deus Beites Manso***A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia***

A preocupação de D. João III em reestruturar o sistema escolar interno, de acordo com as exigências humanísticas e a separação entre o ensino de base, preparatório e o ensino superior,⁷⁵ levou-o a outorgar a maior parte dessa responsabilidade aos inicianos.⁷⁶ Ao longo do tempo, no enalce anti-jesuíta, reitera-se a ideia de que o atraso no ensino em Portugal se deve à Companhia de Jesus,⁷⁷ erguendo-se uma ideia de isolamento face ao conhecimento moderno a que os colégios e as universidades Jesuítas estavam votados. Nos anos 50 do século XX, o poeta e escritor português Rómulo de Carvalho — pseudónimo de António Gedeão (1906-97) — compõe uma *História da Ciência em Portugal* e dos seus atores, trazendo uma nova perspectiva sobre o ensino e a ciência no país. Mais recentemente, os estudos têm sido ampliados mostrando que o ensino iniciano não esteve totalmente afastado do que se fazia no resto da Europa. Hoje sabemos que muitos jesuítas conheciam e exerciam a ciência do momento. Um dos jesuítas mais notáveis que frequentou o Colégio das Artes, em Coimbra, entre 1555 e 1560, foi o alemão Christopher Clavius (1538-1612), hoje tido como o mais importante astrónomo entre Copérnico e Galileu, tendo chegado a astrónomo do Papa.⁷⁸ No Colégio de Santo Antão-o-Novo, em Lisboa, entre 1590 e 1759, funcionou a *Aula da Esfera*, um curso de Matemática onde se ensinou uma elite de professores jesuítas estrangeiros.⁷⁹ Apesar da matriz aristotélica, os Jesuítas não ficaram imunes aos ventos de mudança trazidos pela Revolução Científica e pelas muitas viagens que faziam. Muitos foram responsáveis pela introdução da modernidade científica, como o uso do telescópio galilaico em Portugal, e também no Oriente,⁸⁰ dando conta, tanto da sua formação no âmbito das ciências, como do processo de globalização da qual foram parte estruturante através da

⁷⁵ Rómulo de Carvalho, *História do Ensino em Portugal*, op. cit., p. 211.

⁷⁶ Miguel Maria Corrêa Monteiro, *Os Jesuítas e o Ensino Médio – Contributo, para uma análise da respectiva acção pedagógica*, op. cit., p. 74.

⁷⁷ In 1925, Francisco Rodrigues, S.J escreveu o oposto em *Os Jesuítas portugueses astrónomos na China: 1583 – 1805*, publicada recentemente em Macau pelo Instituto Cultural de Macau, 1990, mas apenas recentemente a ideia secular que os jesuítas não ensinavam a ciência do seu tempo começou a ser questionada.

⁷⁸ Ler: Ugo Baldini, “A escola de Christoph Clavius: Um agente essencial na primeira globalização da matemática europeia”, Carlos Fiolhais, Décio R. Martins e Carlota Simões (eds.), *História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2013.

⁷⁹ *Estrelas de Papel. Livros de Astronomia dos séculos XIV a XVI*, Henrique Leitão (ed.), Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.- Luís de Albuquerque, *A ‘Aula da Esfera’ do Colégio de Santo Antão no século XVII*. Coimbra: Junta de Investigação do Ultramar, 1972. Quanto ao tema dos jesuítas vs. Ciência, ler: Carlos Fiolhais, *História da Ciência em Portugal*. Lisboa: Arranha Céus, 2013; Henrique Leitão, “Galileo’s Telescopic Observations in Portugal”, *Eurosymposium Galileo 2001*, José Montesinos, e Carlos Solís (ed.), Orotava: Fundación Canaria Orotava de la Historia de la Ciencia, 2001, pp. 903-913.

⁸⁰ Ler: Henrique Leitão, “Galileo’s Telescopic Observations in Portugal”, op. cit, pp. 903-913.

Maria de Deus Beites Manso

A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

ciência. Pois foi a ciência que permitiu o processo das missões em espaços, onde era proibida a entrada de europeus, como foi o caso da China.

A história da expulsão da Companhia de Jesus de Portugal tem sido reanimada. A revista *Brotéria*, de uma forma geral, apresenta estudos sobre a Ordem, e assinala os centenários com destaque. Em 2009, ano em que se assinalaram os 250 anos sobre a expulsão, a revista dedicou um número ao assunto, juntando membros da Ordem e outros estudiosos do tema e, igualmente, investigadores leigos, nacionais e estrangeiros, que se debruçarem sobre a efeméride, lembrando temas como o ambiente anti-jesuíta, a sua presença no ensino, a figura do Padre Gabriele Malagrida (1689-1761) ou ainda o desamparo a que ficaram sujeitos durante o seu desterro nos estados Pontifícios. Isto é, colocou-se na balança um conjunto de problemáticas que o acontecimento ocasionou.⁸¹ Em Portugal, ontem como hoje, o assunto continua a ser estudado tanto por jesuítas como por investigadores laicos. A investigação parece inquietar-se com a “reposição da verdade histórica” e não deixar morrer este período áureo da Ordem e da presença de Portugal no Mundo.⁸² Para além da revista *Brotéria*, entre outros trabalhos cite-se a tese de doutoramento de António Júlio de Faria Limpo Trigueiros, S.J. *Os Jesuítas exilados nos Estados Pontifícios no período Pombalino*.⁸³

Conclusão

A Companhia de Jesus foi das instituições que mais marcou a sociedade portuguesa nos séculos XVI e XVIII a representar, e continuar a representar, um campo fértil para a investigação. O interesse que a Ordem tem despertado ao longo dos séculos é indiciador de que, do ponto de vista da escrita da História, continuarão a surgir estudos relativos à

⁸¹ *Brotéria*. Cristianismo e Cultura, “A expulsão dos jesuítas, 250 anos, 1759-2009”, 2/3, vol. 169, (Lisboa, 2009).

⁸² In 2014, *Broteria* dedicou outra edição à Companhia de Jesus: 1814-2014: Bicentenário da Restauração da Companhia de Jesus, 5/7, vol. 179, 2014. Assim como os antecedentes, este trabalho apresenta artigos de estudiosos leigos e religiosos. Em 2014, as cartas de António Vieira (30 volumes) foram publicadas em Lisboa pelo Círculo de Leitores. A Revista Lusitania Sacra também publicou alguns artigos sobre a Companhia de Jesus.

⁸³ Doutoramento em História, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2017.

Investigadores pertencentes à Companhia de Jesus estão novamente fazendo a sua história. Pois, como referimos, desde o século XX que se empreendeu um de dar a conhecer a primeira vida da Companhia, ressuscitar a sua memória. No que concerne a Portugal continental, refiram-se os trabalhos Francisco Rodrigues, S.J., História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal. 4 vols. 7 tomes. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1931-1950.

Maria de Deus Beites Manso
A Companhia de Jesus em Portugal. Identidade e Historiografia

influência e ao impacto das atividades jesuíticas em territórios onde Portugal teve alguma preponderância por via de uma efetiva autoridade política, ou simplesmente influência económica ou diplomática. É desejável que continuem a surgir estudos, e que mais acentuadamente se afirmem as análises estruturadas em torno de abordagens inovadoras que induzam interpretações desvinculadas do viés ideológico, de preferência elaboradas sob uma perspetiva triangulada entre Ordem-Universidade-Indivíduo, incidindo a terceira vertente na dialética colonizador-colonizado. Acreditamos que uma forma criteriosa de (re) pensar os espaços por onde as forças ao serviço do Cristianismo irromperam na Idade Moderna trará um novo olhar sobre o impacto jesuíta ao longo do tempo. O estudo das missões, mesmo representando já um campo de investigação consistente, poderá fornecer elementos estruturais, culturais e filosóficos relevantes, e relançar a reflexão e o debate sobre alguns dos problemas que as sociedades atuais enfrentam, entre eles a intolerância religiosa.

No caso dos estudos até agora desenvolvidos em Portugal, nada se produziu sobre o papel que a Ordem desempenhou, os meios que utilizou como barreira face ao avanço do protestantismo na Europa. Temos conhecimento, pelas investigações de Patricia O'Connell, da plataforma criada em Portugal através do funcionamento de um seminário, em 1590, destinado a alunos procedentes da Irlanda formados no sentido de virem a combater a heresia protestante no seu país, após o regresso. Parece-nos relevante que surjam outros estudos que façam a análise comparativa entre a ação jesuíta face ao Protestantismo, dentro e fora da Europa, tendo Portugal como centro irradiador da Companhia de Jesus.

Depois do Protestantismo se ter afirmado no norte da Europa, verificou-se o movimento de alguma população, que pretendendo escapar ao novo *status quo*, se fixou em Portugal. Pouco, ou nada, se sabe sobre esta circulação de pessoas, pelo que seria importante o desenvolvimento de investigações que permitam compreender as relações e os comportamentos entre católicos portugueses e católicos da Europa do norte perante o inimigo comum, o Protestantismo, e a resposta dada pela Companhia de Jesus que, todavia, seria extinta em 1759.